

11. Conclusão

Uma visão panorâmica do percurso feito até aqui na presente tese mostra que Merton de fato é o precursor de muitos temas teológicos da atualidade, entre eles é um dos precursores da teologia e da espiritualidade da libertação. Vivendo em um contexto de profunda crise mundial, eclesial e social, ele deu respostas ainda hoje válidas, à luz de sua fé iluminada, de sua teimosa esperança, e de seu inflamado amor. Ele encarou os desafios de um novo tempo e as formas de abordá-los à luz da contemplação cristã.

Vivemos hoje numa época de globalização da violência e da injustiça, bem como de crise da solidariedade. Merton nos inspira a resistir à religião do mercado, com sua espiritualidade consumista e a reinventar a espiritualidade libertadora para o milênio entrante: Uma espiritualidade que ajude a saciar a fome de pão e a fome de beleza.

O assunto da presente tese foi a espiritualidade mertoniana. Foi com São Bernardo de Claraval que Merton assimilou a espiritualidade do amor e a teologia da *imago Dei*, à qual fomos formados, deformados e reformados. Merton redescobre a espiritualidade contemplativa que estava marginalizada, e a coloca no centro da vida: a dimensão espiritual da experiência do mistério de Deus, do humano e da criação. Ele compartilha essa espiritualidade, que se transforma em compaixão, buscando promover a justiça e a paz. Se a mística é como um fogo ardente, Merton sentiu que ela não estava iluminando o mundo, por estar presa entre grandes muralhas. Ele propõe reinventar a espiritualidade, para que possa inflamar o mundo. Então partiu para a trincheira, não querendo mais ficar na torre. Nesse risco encontrou a morte, como preço do discipulado. Se o grão não morre, fica só. Se morre, produz muito fruto.

Vimos como já nos anos pré-monásticos, segundo transparece claramente em sua autobiografia, ele foi influenciado por Dorothy Day e Catherine de Hueck numa espiritualidade de solidariedade com as vítimas da sociedade opulenta norte-americana, os moradores de rua excluídos do banquete da vida. Vimos

também que mais tarde Merton desenvolve uma espiritualidade de resistência às forças geradoras da violência, como seu contundente protesto contra a Guerra do Vietnam⁸⁸⁶.

Desde 1958, ano de sua conversão à compaixão, mística e profecia, seguimento e compaixão o acompanharam até o último momento de sua peregrinação terrestre como eremita-peregrino no continente asiático⁸⁸⁷. Por isso, a partir da correspondência com o russo Boris Pasternak em 1958, seus passos começaram a ser vigiados pelo FBI dentro do país. Pela obtenção do passaporte, a CIA provavelmente controlou suas atividades fora do país. A morte estranha e enigmática de Merton tem um toque martirial, como a de tantas outras pessoas que tombaram por causa da paz e da justiça no mundo.

Seja como for, concluindo o longo percurso do presente trabalho acadêmico, podemos afirmar que a vida, a morte e obra de Merton são uma interpelação a *subir a montanha de Deus* por uma contínua conversão, através da oração, meditação e contemplação. Ele nos convida a deixar para trás tudo o que impede caminhar em direção à plenitude fontal de Deus Trindade, nosso princípio e meta. Sua cristologia é a um tempo ascendente e descendente. O mesmo Cristo que é a Sabedoria de Deus em Provérbios 8 é, para ele a Palavra feita carne do prólogo de João, palavra acessada pela contemplação de sua presença no ser humano e no bailado geral do universo, texto trinitário.

Subir a montanha em escuta atenta e obediência amorosa ao Deus que depois ordena *descer a montanha* para se engajar profeticamente nas realidades terrestres, formam uma unidade indissolúvel. O Salmo 15 expressa essa interpelação, perguntando: “Quem poderá *subir a montanha de Deus*?” A resposta é clara: Quem se empenha na prática da justiça e da paz. Proximidade e intimidade com Deus não podem coexistir lado a lado com a violência, a injustiça e o fanatismo religioso.

Merton também nos convida a *descer* até às realidades humanas não redimidas, assumir o risco da incompreensão (mesmo por parte do círculo mais íntimo). A mística que não *desce a montanha* para acolher o mundo na compaixão torna-se privatização individualista da fé, tão a gosto do mundo globalizado atual. A compaixão está para além da mística. Unicamente na dimensão *ascendente e*

⁸⁸⁶ *TtW* 69, 111, 126, 172, 238-239.

descendente da experiência de Deus reside nossa mais profunda liberdade e realização humanas.

A importância de Merton reside no fato de ter encontrado um equilíbrio feliz entre contemplação e ação, unindo Maria e Marta numa síntese não excludente. Esse é também o desafio que ele lança para nós hoje. Ele nos ensina a *subir a montanha de Deus* e *descer ao nada* da condição humana para buscar minorar o sofrimento em *compaixão*. Mostrou que a vida é vazia se não for abertura para Deus e para os humanos. Mostrou também que a contemplação é estéril se não se traduzir em ação transformadora. Ensinou que a mística é a forma mais autêntica de humanização, porque o ser humano está ontologicamente orientado ao Transcendente e só nele encontra sua verdadeira liberdade e plenitude.

Ele critica radicalmente uma visão utilitarista e rasteira do ser humano que o reduz a uma peça na engrenagem de produção e consumo. Seu ser e seu agir apontam para a dimensão eterna e divina do ser humano, feito para o Transcendente. Ele considera estéril toda a ação que não brotar da fecundidade da vida interior profunda. Reconhece haver uma só vocação, para além das divisões entre vida contemplativa e ativa: a vocação para essa vida interior que, como fogo ardente, espalha pela Igreja inteira suas influências benéficas.⁸⁸⁷ Em resumo, é a vocação para o encontro com Deus na vida pessoal e comunitária.

Merton, sentinela contemplativo em seu eremitério, empenhou-se em proteger a imagem divina no ser humano, mulher e homem, bem como a presença de Deus na criação. Profeta vigilante, buscou despertar a Igreja norte-americana domesticada, com seus padres executando ritos sacramentais mecânicos como meros funcionários; a fé transformada em religião civil; os leigos católicos bons cidadãos conformados acriticamente e ingenuamente com as decisões omniscientes do Big Brother, e se beneficiando com os lucros de uma economia de guerra.

O desafio que Merton apresenta para nós hoje é reintegrar espiritualidade e psicoterapia, e teologia e política, numa visão planetária, e preferentemente terceiro mundista, latino-americana e panamericana. Evitar uma espiritualidade privatizante, a fuga mundi. Unir mística e política. Trazer o deserto para a cidade, como o faz a Fraternidade de Jerusalém em Paris, na Igreja de São Gervásio e

⁸⁸⁷ *TtW* 7-8, 28, 48, 351.

⁸⁸⁸ *MSP* 491.

Protásio e inúmeras fraternidades e sororidades espalhadas pelo mundo inteiro. Ser uma presença contemplativa na cidade.

Para Ele, o encontro com o mistério de Deus na oração não significa, como para Marx e Sartre, a negação de nossa verdadeira humanidade. Pelo contrário, Deus é a fonte e garantia da mais profunda liberdade humana. Ele é quem nos chama à vida, ao amor e à liberdade. Eis aí a interpretação contemplativa que Merton faz das fontes da Tradição e que incide diretamente em sua antropologia teológica. Para ele, é no encontro com Deus pela oração que emerge, *ex nihilo*, a nossa liberdade. Ele ajuda, sobretudo, na volta às fontes da vida cristã, com base na Escritura, Patrística, ecumenismo. Tais bases estavam empanadas pelo passar dos séculos.

Mística unida à compaixão no seguimento de Jesus, numa atitude de resistência às forças desumanizadoras, e em solidariedade com as criaturas humanas e não humanas, assumindo as alegrias e tristezas do mundo, capazes de transformá-las em oração diante de Deus: Eis o desafio básico que Merton nos propõe hoje e amanhã. Cabe-nos a tarefa de voltar ao primeiro amor (Ap 2,4-5), redescobrimo a espiritualidade esposal, amorosa e livre. E saber celebrar, à luz da fé e da esperança, a chama do amor. Sim, apesar de tudo, Merton nos desperta para o espírito de festividade. Apesar da noite escura da barbárie tecnológica atual, com sua ameaça de ecocídio.

É preciso também redescobrir a mística da solidariedade, como o faz a espiritualidade da libertação. Outro desafio permanente é a espiritualidade macroecumênica. Para tanto, cabe-nos a tarefa já acenada por teólogos atuais (Gonzáles Fauss, Susin) de deshelenizar (des-greco-romanizar) o cristianismo para voltar às fontes semíticas, valorizando o ser humano integral e a criação, superando os dualismos, também na espiritualidade, que distorcem a visão de Deus, transformando-a em legalismo e jansenismo.

Merton mostrou por sua vida e obras que sondar a interioridade do próprio coração não é tarefa exclusiva de monges, mas pertence a todos os seres humanos. Do contrário, a vida vivida puramente na exterioridade carece de um centro e se esvazia, arrastada para direções contraditórias. E o itinerário que leva à interioridade é feito pela via da oração centrante. A espiritualidade contemplativa nos possibilita alcançar e tocar as raízes de nosso ser e assim perceber a presença de Deus em nós, transformados em santuário e altar. Condição fundamental é a

ascese. Ela consiste no treino de atleta visando purificar o espaço interior, fábrica de ídolos, a fim de deixar Deus ser Deus, o Único Necessário, para além de qualquer imagem devocional que Dele possamos ter.

A busca apaixonada por Deus como monge, sacerdote e eremita levou Merton a apontar o caminho de volta para Deus a milhares de pessoas. Mesmo sentindo o desejo autêntico de viver inserido nos meios pobres da América Latina, quis a Providência divina que ele evangelizasse a América do Norte, sensibilizando o Primeiro Mundo para a realidade da injustiça, pobreza e violência no mundo, que são uma afronta a Deus. Ele mostrou assim que os pobres situam-se no coração da Igreja. Sua intimidade mística com Deus trasbordou em compaixão pelas vítimas do mundo ferido de morte.

Superada uma profunda crise humana e vocacional em 1966, Merton redescobre a paz profunda e uma nova liberdade interior. Seu coração então se dilata e ele renova seu compromisso de fidelidade incondicional a Deus, nada antepondo ao amor de Cristo. Permaneceu fiel até o fim, apesar de tudo. E permaneceu como um paradigma de que no caminho de subida para Deus, importa caminhar, mesmo sem vislumbrar diretamente o caminho e mesmo passando por desvios e abismos. Viveu o seguimento radical de Jesus numa vida de intensa oração na presença de Deus, no estudo das Sagradas Escrituras, na celebração diária da Eucaristia em louvor à Trindade, no empenho por pacificar o coração, não permitindo o menor resquício de ódio contra o opressor. Seguiu Jesus na estrada da paz.

Assim, no cenário contemporâneo, cabe-nos a tarefa de tornar Cristo presente nesse tempo e lugar. Quem é o Jesus que devemos seguir hoje? Qual é o modo de seguimento mais apropriado hoje? É o Jesus kenótico, que assume por amor o sofrimento humano, a kenosis da compaixão. Ser seguidor de Jesus hoje é viver à margem, porque a margem é o centro. Viver a kenosis de Deus em nossa própria kenosis, na fragilidade e vulnerabilidade pessoais, na escuridão da fé, na timidez da esperança e na pobreza do amor.

O seguimento de Jesus nos responsabiliza a tornar o Reino de Deus presente no mundo de hoje. Mas só poderemos fazê-lo na união de contemplação e ação. Pela contemplação experienciamos o Reino como Dom. Pela ação cooperamos para levá-lo à plenitude como tarefa. A melhor forma de fazê-lo, conforme Merton, está descrita em Mateus 25. Tudo o que promover a vida, a dignidade e a

liberdade humanas, bem como a paz no mundo, aproxima e apressa a vinda plena do Reino de Deus a nós. Ou, dito de forma negativa: tudo o que reprime as forças da violência e da injustiça constitui ação em favor do Reino. Estamos dispostos a fazê-lo?

Ainda persistem alguns desafios à espiritualidade no século XXI: Recuperar o sentido de reverência, gratidão e maravilhamento, bem como o senso do sublime diante do mistério da criação. Sedução do Absoluto em contraposição à sedução do absurdo. Superar os apelos consumistas e de satisfação imediata e o anonimato das grandes cidades. Merton ensina-nos a cultivar a dimensão do deserto, que pode ser no metrô, no trabalho, em casa ou no jardim, onde estamos próximos da criação, de Deus e dos humanos. Assim, a mística pode também ser acessada por quem vive no mundo, mediante contatos esporádicos com algum mosteiro nas proximidades, fornecendo retiros, conferências, livros, orientação espiritual por parte de algum sacerdote que também cultive a vida espiritual.

Para concluir, levantamos algumas perguntas que nos parecem relevantes hoje: A primeira é: Podemos considerar Merton um santo? Certamente ele está longe dos cânones de santidade exigidos pelos longos e custosos processos da Cúria Romana. Mas podemos considerá-lo como doutor da Igreja. Os grandes doutores da Igreja se situaram em momentos de grande crise e mudança de paradigma. Nesse sentido Merton pode ser considerado Doutor da Igreja, como é também um Mestre de espiritualidade, malgrado ser ele a última pessoa do mundo a querer admitir isso. Pois ele tinha clara consciência de que, nessa área, ninguém é especialista, pois um só é o Mestre e Doutor, a *Haghia Sophia*. Só podemos balbuciar, expressando nosso anseio pelo Transcendente. Esse balbuciar, no entanto, é necessário, para não cairmos num silêncio que não é reverência, mas mutismo.

A segunda pergunta é: Será que a teologia e espiritualidade da libertação ainda têm relevância hoje? A resposta é sim, diante da perspectiva de um presente e futuro totalitários, diante de um único governo mundial, respaldado por uma elite econômica e militar que não hesitam em invadir países a fim de garantir suprimento de recursos naturais escassos, e também em restringir internamente os direitos dos cidadãos, em nome da liberdade e democracia. A teologia e espiritualidade da libertação empenham-se em minimizar a violência e a injustiça e fomentar a solidariedade humana e ecológica na aldeia global em que vivemos,

buscando formar comunidade de comunidades. Num mundo violento e injusto, a segurança é uma ilusão, assim como o primado e a canonização da violência como recurso para resolver os problemas internacionais.

Apesar dos evidentes retrocessos sofridos pela Teologia da Libertação na última década, a espiritualidade que a embasa continua vigorosa, nutrindo a experiência do encontro com o mistério de Deus em Cristo, com o mistério do ser humano criado à imagem de Deus, e com o mistério da criação, morada de Deus e do humano. Daí uma tarefa que se nos impõe: Cheios de compaixão, coragem e sabedoria, dedicar-nos à causa da paz, da justiça e da integridade da criação, unindo poesia e profecia, utopia e fé profunda em Deus, em cuidado responsável pelo mundo. Em resumo, unindo espiritualidade e psicoterapia, espiritualidade e política, e reinventando a espiritualidade para um mundo globalizado.

E agora a derradeira pergunta: Onde está Deus diante do oceano de sofrimento atual? A resposta é: Deus está do lado das vítimas, excluídos e marginalizados, solidário e sofredor com eles. A espiritualidade da libertação cristã, por ser pascal, também é capaz de sofrer junto, resistindo.

“Venha o Teu Reino. Maranatha. Senhor Jesus. Amém”.